

# via sacra

---

Silvestre Peciar Basiaco

*organizadoras*

Irani Rupolo

Salette Mafalda Marchi





# via sacra

Silvestre Peciar Basiaco

*organizadoras*

Irani Rupolo

Salette Mafalda Marchi

Universidade Franciscana – UFN

Santa Maria, 2018



*organizadoras*

Iraní Rupolo  
Salette Mafalda Marchi

*poemas*

Iraní Rupolo

*fotografias*

Arquivo Editora UFN  
Fotos de Silvestre Peciar Basiaco. Fonte: 7º Encontro  
de Escultores na cidade de Cañada de Gomez. Autor  
desconhecido.  
Renato Seerig

**Editora UFN**

*coordenação editorial*

Salette Mafalda Marchi

*projeto gráfico e supervisão gráfica*

Fagner Millani

*revisão gramatical e linguística*

Janette Mariano Godois

*secretaria*

Cinara de Cássia Paze Valente

*Universidade Franciscana - UFN*

Rua dos Andradas, 1614  
Centro | Santa Maria - RS  
CEP 97010-032





# apresentação

Neste catálogo, apresentamos a Via Sacra, obra executada por Silvestre Peciar Basiaco para o jardim do Convento das Irmãs Franciscanas. Com este material gráfico, a Universidade Franciscana (UFN) presta a sua homenagem a Peciar, que contribuiu de maneira significativa na formação de muitos estudantes de artes, bem como com a estética de alguns espaços da cidade.

Peciar compartilhou suas experiências de vida e dedicou-se a transmitir seu imenso conhecimento em arte. Lembra de suas aulas, suas atitudes, seus ensinamentos, do incentivo que nos proporcionava para que fôssemos além dos nossos limites. Peciar foi um daqueles mestres que não nos deixou respostas prontas, mas sim, aquele que nos ensinou a questionar, a sentir e a sonhar.

Hoje, passados tantos anos, é com muita alegria que executo, junto com a equipe da Editora UFN, a organização deste material, pois um dos aprendizados do mestre foi a importância de se trabalhar coletivamente. Assim, entendemos que este trabalho é resultante de um processo colaborativo de várias mãos e mentes.

O material foi estruturado em três partes: a primeira é composta por textos; a segunda, por fotografias da obra de Peciar acompanhadas de textos poéticos de Irani Ruppolo; e a terceira parte, pela cronologia da vida do artista. Procuramos ser o mais fiel possível na apresentação da obra em cada página do material.

Cada estação da Via Sacra nos desafia a pensar a contemporaneidade em um momento em que a sobrevivência da cultura e a própria arte são construídas a partir de novos paradigmas e transformadas radicalmente pela influência das novas tecnologias em curso. Estar diante da Via Sacra executada com a técnica do mosaico, que

historicamente servia de instrução e guia espiritual, ainda hoje nos eleva a essas primeiras concepções.

Também podemos observar, em cada painel, que os meios técnicos de produção da obra não são estranhos e alienados à sua criação, mas determinantes de uma linguagem expressiva e visceral, criando, por isso, novos sentidos e conceitos de representação iconográfica, artística e religiosa.

A presença das imagens dos painéis interfere no espaço do jardim, dando-lhe outra corporeidade. Dessa maneira, podemos dizer que a Via Sacra de Peciar é mágica, como se fosse um livro denso de história e humanismo.

Diante dela, começamos a nos inquietar, ao mesmo tempo em que nos reportamos a um espaço interiorizado de sentimentos, uma arte que não é só contemplação, mas uma plasticidade resultante de uma tensão. Nesse sentido, ela é um veículo mutável para a apresentação de uma série de proposições e que dá origem, em cada momento de leitura, a novas formas de expressão, complexas e profundas, transformando-se em muitas interpretações. A obra, assim, é uma analogia entre presente e passado representada por uma sequência de planos e multiplicidade de acontecimentos. É a estética sem tempo e lugar. São imagens com elementos que interagem, e o espectador vê o que está por trás do material, da cor que inspira sentimentos, não associados à morte, mas à vida.

Esperamos, assim, por meio deste material, fazer uma homenagem a Peciar, que foi um mestre da arte em Santa Maria. Almejamos que a cada página virada, cada um de nós possa viver um pouco da poética do artista.

*Salette Mafalda Marchi*  
*Maio de 2018*



# Sumário



8

A PRESENÇA DE PECIAR

INTRODUÇÃO AO MOSAICO 10



14

CAMINHOS SAGRADOS

MÃOS 16



18

MISERICÓRDIA

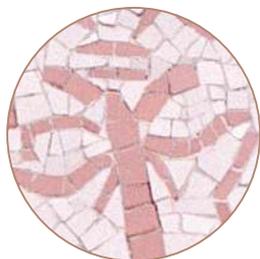
CONSOLAÇÃO 20



22

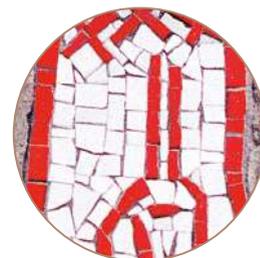
ENCONTRO

AJUDA 24



26

ROSTOS





28

SINAIS



32

CONDIÇÃO HUMANA



36

COMPAIXÃO



40

SILÊNCIO



44

CAMINHO, VERDADE, VIDA

CRONOLOGIA

47



30

DIÁLOGO



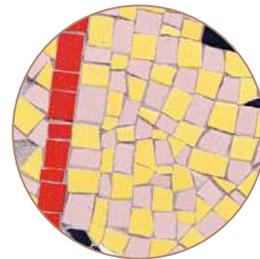
34

DESPOJAMENTO



38

PERDÃO



42

HAVIA UM JARDIM



# a presença de peciar.

Conheci Peciar em agosto de 1975, quando eu ainda era aluno no Centro de Artes e Letras da UFSM. Eram tempos escuros e ele chegava para o autoexílio, vindo de Montevidéu. Buscava condições de vida e algum espaço para realizar seu trabalho: um trabalho, como sempre, comprometido com a criação plástica e a consequente atuação docente. Ele foi acolhido e, fruto de sua inerente gratidão, deixou-nos um legado que, diante dele, nos tornamos devedores. Inseriu-se, à ocasião, de maneira discreta, sutil e, paulatinamente, fomos visualizando sua dimensão maior: o mestre. A partir de 1980, fomos

colegas, vizinhos e nos encontrávamos diariamente. Com ele aprendi muito; em minha formação, ele foi decisivo, apesar de nunca ter sido meu professor.

Na personalidade do mestre Peciar, aprendemos as dimensões que vão da solidariedade à firmeza de posicionamento. Às vezes, revela-se de modo delicado, leve; às vezes, em contraponto, seus gestos vão da reciprocidade, da ternura, do lírico, do carinhoso à intransigência dramática diante das injustiças sociais, da violência e dos ataques à liberdade humana. E isso situa Peciar muito além do artista plástico, do grande criador que ele é.

# sem

Faz dele um homem engajado, típico exemplo da melhor modernidade, aberto às lutas e desafios, mobilizando, para tanto, as mais variadas linguagens plásticas. Produz muito: esculturas, pinturas, desenhos, gravuras, mosaicos, murais, ilustrações, cartazes e charges. Contudo jamais perde de vista a docência e, com ela, as propostas que visam à geração de um “espaço” criativo e emancipador do aluno, sendo extremamente criterioso com a questão do como “ensinar” em arte. Na Universidade Federal coordenou, com os alunos, a criação do chamado “Novo Currículo” em Artes Visuais, sem sombra de dúvida, o melhor projeto curricular para a área já criado em universidades federais brasileiras.

Peciar, por seu turno, é fruto das diversas vertentes que nele se encontram, responsáveis por sua formação, sua visão de mundo. De um lado, os libertários pacifistas e a visão político-social da arte; os escolanovistas e a pedagogia nesse campo específico de conhecimento; por outro, a ética de Kandinsky frente à criação, entrecruzados pelo conhecimento que ele possuía do zen-budismo, num horizonte aberto à utopia e sustentado pela fé (o aspecto religioso, místico da própria arte).

Sempre disposto a encarar qualquer desafio, sua produção abrange cerca de quatro mil obras. Deste imenso acervo, no momento, gostaria de iluminar apenas um ponto, pois ele já nos dá conta da grandeza do mestre. Trata-se da Via Sacra em mosaico que ele realizou para o Convento Franciscano de Santa Maria. Operando um procedimento milenar, de históricos vínculos com a arte mural, nos surpreende pelas soluções criativas para cada estação, alcançando, no conjunto, algo muito difícil de se obter na atualidade: uma obra contemporânea de forte impacto plástico na qual o aspecto religioso e o artístico encontram-se novamente unidos.

Em março de 2017, ele partiu, com seu sorriso. Talvez pedalando sua bicicleta. Para abarcá-lo melhor, serão necessários vários estudos, vários livros. Afastou-se através de um espaço iluminado que a cada dia se alonga um pouco mais. Mas sua face permanece perfeitamente nítida, com aquele seu sorriso que agora nos parece sustentado pela leveza do ar.

*Alphonsus Benetti*

# introdução ao mosaico

---

A Via Sacra, realizada no jardim das Irmãs Franciscanas em Santa Maria/RS, é um projeto concebido por mim, porém foi um trabalho realizado em equipe e do qual tenho grande orgulho.

Agradeço a iniciativa da Reitora da UNIFRA, Irmã Irani Rupolo, os conselhos da professora Ana Noro Grando; a aprovação dos desenhos por parte da Reitoria da Universidade Franciscana. A construção do mosaico, pedra a pedra, foi realizada seguindo à risca os ensinamentos do mestre Miguel Angel Pareja, e a concretização técnica do conjunto, integrado ao projeto arquitetônico, ficou a cargo dos artistas plásticos André Amarc e Juliano Siqueira.

Houve, também, a colaboração de arquitetos e de engenheiros; e ainda de mãos anônimas, que foram tão necessárias para finalizar o empreendimento. Portanto, a obra não é só produto da mente do criador isolado.

A Via Sacra mostra em imagens o drama cristão em catorze estações. Dessa maneira, cumpre uma função didática: ensina a paixão de Cristo na emoção por meio das imagens. As estações contam a história, desenvolvem o significado, convidam à meditação sobre a vida, sobre a morte e sobre a ressurreição de Cristo.

Na arte, o tema foi tratado inúmeras vezes por grandes artistas através dos séculos: sempre o mesmo tema, sempre soluções visuais diferentes. Na arte moderna, no começo do século XX, ressurgiu a arte sacra, no entanto, sem copiar o passado. Foram criadas formas novas de acordo com a civilização atual. Outra vez, mostra-se o profundo sentido religioso.

A partir disso, há o reinício dos mosaicos murais, da técnica e do sentido profundo de uma arte dedicada ao público de todas as idades, ao povo que tem necessidade de Deus.

Historicamente, muitos artistas trabalharam o conteúdo religioso: Matisse, Rouault, Leger, para apenas nomear alguns. Entre eles, está o italiano Gino Severini, que se volta à arte bizantina na qual encontra a mais alta conjunção entre a abstração geométrica e a emoção humana: é a chave do caminho à renovação da arte sacra. Severini deixa de lado o afresco, a miniatura e o vitral e dedica-se ao mosaico: em Ravenna, capital bizantina do ocidente na península italiana, descobre e estuda os primitivos mosaístas do século V.

Então, descobre-se que os “primitivos” estão repletos de sabedoria, de imaginação, de expressão, de sensibilidade.

Foram tão criativos e ousados na harmonia formal, que podem orientar os modernos.

Não se faz mosaico na parede pública só para apreciação estética, ainda que a estética seja o caminho para atingir o transcendental.

Meu mestre, Miguel A. Pareja, foi estudar mosaico com o mestre Cino Severini, em Ravenna. Em seu regresso a Montevideu, organizou um *atelier* para a formação de mosaístas, onde estive dois anos aprendendo essa técnica artesanal repleta de segredos e de resultados inovadores. O fazer bem, atitude moral do artesão mosaísta, substituiu o fazer pessoal e sem limites do artista romântico. O fazer correto implica disciplina, sensibilidade e sentimento. A arte, como consequência, surge desse fazer aparentemente modesto.

O material, seu tratamento sensível, dita a forma: as pedras, chamadas tesselas, levam a afirmação do plano e a frontalidade. O modelado dos volumes e a perspectiva, o claro/escuro e o ilusionismo da aparência são esquecidos; em seu lugar, os signos das coisas: desenhos lineares, cores planas e a redução ao essencial. O nariz representa-se por uma vertical; dois pontos, para os olhos; a boca, uma horizontal; os cabelos, linhas onduladas; as vestes, linhas quebradas.

Nesse sentido, a geometria desenha o dado visual: uma escrita de signos abstratos, porém de compreensível leitura para todos. Aparente redução e simplicidade, mas a presença essencial fala do sentimento religioso. A síntese é mais forte, portadora de emoção concentrada. Uma síntese reducionista, com a inocência da infância. Parece desenho de criança. Parece. As tesselas são cortadas uma a uma: diversos tamanhos e diversas formas; colocadas uma após a outra, resultam em uma superfície.

Assim, o desenho é configurado pelos ritmos dos pontos de tesselas, e a separação entre elas deixa transparecer a argamassa de cimento, que também enriquece as superfícies.

A proposta, assim considerada, parece simples demais, porém cada operação deve ser feita com cuidado e sensibilidade: a cada passo, o mosaísta deve ser criativo e não cair em soluções mecanicistas. Quando se analisa o mosaico do século V, em Ravenna, percebem-se aspectos surpreendentes: o rigor, a delicadeza, a variação, a unidade e, finalmente, a harmonia do todo.

Nós, agora, não possuímos os esmaltes coloridos das tesselas antigas; em seu lugar, utilizamos as cerâmicas cortadas de poucas cores, mas que resistem à intempérie.

O ensinamento histórico continua no ritmo das tesselas, e o planismo essencial, na síntese do desenho e na unidade da composição. A imaginação criadora deve compensar a falta da riqueza colorista que foi a magnificência de Bizâncio. Também não devemos copiar os bizantinos, por mais admiráveis que sejam. As imagens são de nosso tempo com toda a influência moderna, porém respeitar a tradição é renová-la.

### *Algumas considerações sobre as estações*

Primeira estação: "O Cristo é condenado". Pilatos, que lava suas mãos, é simbolizado somente com o desenho de duas mãos vermelhas que pingam gotas amarelas sobre a cabeça de Cristo. É uma composição sobre um grande eixo vertical; representação em signos geométricos. O oval da áurea, feito em um aro de bronze e fixado acima da su-

perficie do mosaico, será constante nas restantes imagens, exceto quando se referem ao Cristo já morto.

Segunda estação: "Toma a cruz". A figura de Cristo é um grande triângulo com as mãos abertas e, por trás, a cruz com um desenho de perspectiva distorcida para expressar o peso brutal de condenação do Justo.

Terceira estação: "A primeira queda". A figura de Cristo está embaixo da cruz, com uma mão no chão. Aqui, há o domínio de cores quentes e o contraste de cor fria na pomba, símbolo do Espírito Santo.

Quarta estação: "Encontro com a Mãe". A cabeça de Cristo está apoiada na figura da Virgem Maria. Pequenos nós de linhas pretas rodeadas de toques vermelhos, simbolizam a coroa de espinhos: a dor de Cristo que circunda a Mãe também.

Quinta estação: "Recebe a ajuda do Cirineu". A figura de Cirineu, trabalhador do povo, confunde-se com a cruz e mostra as mãos agigantadas, que representam o alívio ao cansaço torturante de Cristo, que recebe a ajuda e o abençoa.

Sexta estação: "A face na toalha da Verônica". Uma toalha branca que mostra o apagado rosto de Cristo com um mínimo de contraste de cor, para assinalar que é só um vestígio, não uma figura corpórea.

Sétima estação: "Segunda queda". A figura minimizada de Cristo no chão é oprimida pela cruz como se fosse uma pedra pesada.

Oitava estação: "Fala às mulheres". Cristo consola e abençoa as mulheres, que demonstram dor. A cruz é permanente e serve como fundo ao Cristo, que é puro desenho, em contraste com o natural das mulheres e suas vestes.

Nona estação: "Terceira queda". As três quedas de Cristo apresentam-se em soluções formais, em cores e posições diversificadas para significar como a dor vai se intensificando, e a cruz se mostra mais cruel e esmagadora.

Décima estação: "Cristo é despojado de suas vestes". Além da tortura física, Cristo sofre a humilhação moral. A figura é sufocada pelo espaço vazio representado pelo cimento cinza, mais intenso que nas outras estações, e representa a nudez e o sofrimento pela solidão.

Décima primeira estação: "Cristo é pregado na cruz". Para assinalar a dor brutal da tortura física, alcança o forte contraste colorista e só um desenho da mão trêmula pelo prego que lhe fura, manchando de vermelho a cruz preta. O halo de bronze certifica que é mão divina, ainda viva do Cristo.

Décima segunda estação: "Cristo morre na cruz". A cabeça do perfil de Cristo em agonia cai sobre o peito, que mostra a ferida da lança do soldado romano. Um resplendor de luz amarela delinea o corpo.

Décima terceira estação: "A descida da cruz". Cristo morto já não tem o halo. A cruz luze as letras: INRI: Iesus Nazarenus Rex Iudeorum (Jesus de Nazaré Rei dos Judeus). Linhas vermelhas descem como cordas dos braços da cruz. O corpo ensanguentado, a cabeça caída, a coroa de espinhos e a ferida mortal no peito; abaixo, os soldados jogando as vestes de Cristo; à esquerda, os pregos ainda com sangue. A cruz dominante acima do corpo, que se inclina num círculo branco de um caos de tesselas sem ordem.

Décima quarta estação: "Cristo é sepultado". Uma linha vermelha desenha um caixote que contém o corpo, virado com a cabeça para baixo, simbolizando a morte. Até essa

estação, Cristo esteve sempre representado em pé. Tudo fica deslocado: agora as mãos estão separadas dos braços.

Um pano o recobre parcialmente. Os membros do corpo assumem, às vezes, uma cor e, outras vezes, outra cor. Essa confusão aparente quer simbolizar o caos da morte do corpo; o caos como o fim do ciclo da vida orgânica. As catorze estações da Via Sacra, alinhadas no jardim, levam ao cemitério, cuja porta simétrica recebe os visitantes em momento de dor e desconsolação, acompanhando o corpo de quem acaba de falecer.

Para compor a arquitetura, era necessária uma imagem sacra que levasse a um alívio espiritual. Portanto, a ideia da Ressurreição Final é esperança da vida eterna. Sendo assim, se as estações são o drama da paixão por excelência, a Ressurreição deve deixar para trás a dor e apresentar Cristo na glória, triunfante da morte, resplandecente, harmônico e, fundamentalmente, sem drama.

Um Cristo humano, porém divino, imaterial e espiritualizado. Representado só por um desenho despojado de linhas, sem volume, sem cor, sem corpo terrestre: em preto e branco. Assim, ele representa-se pela harmonia de linhas, imagem de serenidade eterna e um olhar de amor universal sobre todas as criaturas. Um Cristo todo espírito, rodeado por um resplendor de cores vermelho e amarelo, que acentua o círculo da cabeça e, por trás, o ouro da cruz que moldura mais ainda o Cristo como centro da composição.

O ouro, na tradição bizantina, é a cor celestial, cor da áurea, santidade; a cor que simboliza a atmosfera que não é deste mundo.

Abaixo, à direita, a mão que abençoa. À esquerda, as palavras bíblicas: "Eu sou" (amor e autoridade do Pai);

"O caminho" (quem segue o caminho moral terá a vida eterna); "A verdade" (a verdade do reino de Deus não é deste mundo) e "A vida" (a vida verdadeira é depois da morte do corpo).

Igualmente à reminiscência do ouro, as letras têm o estilo antigo dos escritos medievais, mais precisamente do gótico. A forma dessa caligrafia manual recobra hoje seu sentido último religioso. Essa configuração de imagens e texto sagrado se posiciona numa forma que se expande sob o céu azul: é um fulgor, como de uma estrela, assimétrico, em contraste com a simetria da imagem e da arquitetura, porém um fulgor cinza que acentua as cores da áurea.

Todo o projeto foi estudado para se harmonizar com o projeto arquitetônico e acentuar o eixo vertical de toda a construção.

As duas diagonais do teto convergem no ponto superior da cabeça de Cristo. A predominante circular da imagem faz um contraste com a solução arquitetônica e integra-se à natureza de nuvens e folhagens.

O trabalho prévio de investigação foi incansável: consulta a várias tradições pictóricas; muitos desenhos foram feitos para cada imagem; câmbios de proporção, de posicionamento, de qualidade das linhas e de cor, até resultar no equilíbrio justo da expressão.

Para mim, esta obra representa o esforço em busca da perfeição técnica e expressiva que começou há cinquenta anos. Esta é a síntese de minha experiência e acredito que meu mestre Pareja aprovaria.

*Silvestre Peciar Basiaco*

*Julho de 2007*

# caminhos sagrados

---

A via-sacra constitui uma das expressões mais intensas da espiritualidade cristã. Ela traduz um caminho de sofrimento no qual percebem-se gestos de atrocidade, mas também podem-se visualizar encontros de amor e compaixão. Essa trajetória contém sinais de Deus para as pessoas que desejam o Infinito, pois a vida, mais do que uma peregrinação para a morte, prepara-nos para o encontro com o Absoluto em um percurso fundamentado na fé. Por ele, pode-se compreender que não é o sofrimento que revela Deus, mas Ele se manifesta também no sofrimento.

Em todos os tempos, na humanidade, despontam pessoas que, pela genialidade do seu espírito, demonstram aptidões de desvelar o mistério divino e transmitir essa experiência que transborda e ultrapassa a realidade finita na qual vivemos. Uma experiência que, cultivada, desenvolve e nutre a vida espiritual, pois a vida é um caminho sagrado, e cada um escolhe a forma de percorrê-lo. Um caminho que leva a pessoa à busca da verdade, do amor, da beleza.

Nesse viés, a arte é uma aliada singular da espiritualidade e pode mostrar a essência daquilo que a originou: a experiência do sagrado. Esta obra de Silvestre Peciar, simples na expressão, intensa em seu significado, tem ritmo dinâmico e passos ascendentes, uma vez que realiza um

percurso. E, nesse trajeto, nas diferentes cenas, abrandando a rigidez, alarga a ternura, traduz uma energia espiritual apaixonante. Une silêncio e fala, sofrimento e consolo, veemência e compaixão, ambas faces do viver humano. Traduz as dimensões da espiritualidade incorporadas por São Francisco de Assis e manifestadas por ele na representação do Tau, que, na sua dimensão horizontal, representa a comunicação com o outro e, na vertical, com Deus. Cada painel integra a cruz e o círculo que envolvem no mesmo amor, Deus e a humanidade.

A obra é ilustrada por um texto, o qual surgiu do contato silencioso diante da cena. Os poemas, inspirados em passagens do Evangelho, constam como interpretação relacionada à experiência de fé. Mesmo com a relatividade da linguagem, buscam proporcionar ao leitor a realização de sua experiência religiosa e mover o desejo de fluir a própria vivência ao entrar em sintonia com a obra. Quer inspirar o encontro com o mistério incógnito, sensibilizar a inclinar-nos diante de algo maior do que nós mesmos e compreender que este Mistério nos ultrapassa infinitamente.

*Iraní Rupolo  
Abril de 2018*



# mãos

Acima das mãos de Pilatos  
são as mãos de Deus Criador.  
Cria e dá realidade a tudo,  
a nada no mundo se iguala.  
Mãos de sabedoria plena  
revelam-se em todas as coisas,  
dominam os limites do mundo  
matéria, espírito, universo.

Nele está a fonte da vida  
suas mãos tudo sustêm.  
Seus sinais em toda a parte  
põem-nos confiantes a crer.  
Manifesta em Jesus seu mistério,  
implode o divino no humano,  
torna o humano divino,  
sem se cansar nem perder.

De Jesus, o que quer que se diga,  
será sempre visão parcial,  
apenas percepção externa  
humana configuração.  
A graça das suas mãos  
não tem forma nem peso,  
aos que jamais o conheceram,  
expande amor e compaixão.

Pelas mãos de Pilatos  
submetido a julgamento,  
proclama a verdade  
não se alia à injustiça.  
Oculto em sua essência  
visível em suas dádivas,  
suas mãos são justiça e bem,  
dom inimitável aos mortais.

As dimensões de suas mãos,  
busquemos ouvir e acolher.  
Tome em suas mãos nossas mãos  
guie mãos e mentes ao bem.  
Mãos fraternas lhe pedimos  
para nos unir uns aos outros.  
Permita a vida tal plenitude  
em suas mãos de Pai descansar.

## **I. É condenado**

Pilatos, querendo satisfazer o povo, soltou Barrabás,  
depois entregou Jesus para ser crucificado.

Mc. 15,15



I: É CONDENADO

# 18 misericórdia

Celebrava Jesus, a ceia com os seus discípulos.  
Em meio ao rito, externa seu sentimento:  
Estou sendo traído por um de vocês.  
E diz com firmeza no olhar:  
o que pretendes fazer, faze-o logo.  
A dúvida abate-se entre eles,  
os amigos se dispersam.  
Sua hora chegara, apressa-se a cumpri-la.  
Jesus distancia-se e põe-se a orar.  
Gotas de suor materializam a dor,  
sofre tristeza e decepção.  
Não há Nele censura, nenhuma ira.

Um discípulo separado dos amigos, submergira.  
Perturbado, sufocará a esperança,  
distorcera o ensinamento do Mestre.  
Suas palavras ecoam-lhe à mente:  
o que pretendes fazer, faze-o logo.  
Arde-lhe nas veias a desolação,  
profunda amargura toma-lhe o espírito.  
Palavras de súplica lhe chegam à garganta,  
mas impede a si mesmo de pronunciá-las,  
sente uma dor surda e pesada,  
perdera o projeto de ser irmão.  
Para ele, Deus silenciara.

Outro discípulo fora incapaz de acompanhar o Mestre.  
Uma mulher olha-o fixamente e afirma:  
Você também é discípulo dele.  
Vencido pelo medo, replica:  
Não o conheço nem sei o que dizes.  
Confuso, esquiva-se da multidão.  
Pressente o desfecho de algo,  
que lhe fugiu ao domínio.  
Passos que dariam em algum lugar, passam por ele.  
As horas lhe parecem eternas.  
Perturbado, chora copiosamente.  
O canto de um galo anuncia a aurora.

Na experiência do erro e fracasso,  
Deus, em sua misericórdia, acolhe o que sofre.  
Enquanto a medida humana é a da justiça,  
(será justa, a justiça dos homens?)  
Deus é infinito em misericórdia,  
sua medida é o amor infinito.

**II. Toma a Cruz**  
Carregando a cruz,  
saiu para o lugar chamado  
Calvário, onde o crucificaram.

Jo. 19,17



III: TOMA A CRUZ

# consolação

Deus de misericórdia, teu Espírito Consolador  
moveu Jesus a consolar os aflitos,  
curar padecimentos e doenças,  
regenerar a alma humana,  
trazer a reconciliação,  
anunciar um novo tempo.

Consola por teu Espírito Consolador,  
o que busca conhecer a verdade,  
fortalecer a fé no teu amor,  
renovar o sentido da vida,  
encontrar-se consigo,  
caminhar ao encontro do outro.

Consola, por teu Espírito Consolador,  
o que deseja acolher o dom da tua graça,  
compreender e perdoar,  
viver a paz e a justiça,  
superar a discórdia,  
purificar seus atos.

Consola por teu Espírito Consolador,  
o que segue teu exemplo de humildade,  
o que acolhe teus ensinamentos de Mestre,  
o que veste o manto da solidariedade,  
o que compartilha sua vida com amor,  
o que se reergue das quedas.

Deus de misericórdia, por teu Espírito Consolador,  
inspira o coração humano  
à reconciliação e à paz.  
Consola-nos no sofrimento.  
Pelo consolo que de Ti recebemos,  
possamos consolar os que estão em aflição.

**III. Primeira Queda**  
Ele tomou sobre si  
as nossas dores  
Is. 43,4



III: PRIMEIRA QUEDA

# encontro

Junto à Mãe, Jesus busca  
companhia e alívio.  
Movida pelo amor,  
acaso não sofreria?  
O túnel da dor abriu passagem,  
alargou-lhe a ternura.  
A aflição transcende o sensível,  
tem o gemido de todas as dores,  
sobrepuja-lhe as forças;  
alma e corpo dobram-se na dor.

Dois silêncios, como dois sopros,  
confundem-se em um amor.  
Entre eles, um era o outro.  
De coração unido, oram:  
Pai, a tua vontade seja feita.  
Protege os que te amam,  
Conserva em teu amor os que me deste,  
Manifesta teu favor aos aflitos.  
A prece do Filho é a sua.  
Sua prece junta-se à do Filho.

Mãe da humanidade,  
reverencio em silêncio  
a nobreza da tua dignidade.  
Teu amor, dom perfeito,  
tua ternura e compaixão  
enaltecem a Deus.  
Palavra alguma pode expressar  
a grandeza que há em ti,  
Deus em ti fez morada.  
Mãe e Filho inseridos na divindade  
revestidos da essência humana.  
Conjuntamente: divino-humano.

**IV. Encontra a mãe**  
Uma espada de dor transpassará  
a tua alma, dissera Simeão à Mãe,  
quando lhe apresentava o Filho.

Lc. 2,35



IV: ENCONTRA A MÃE

# A ajuda

Deus é assim: criador.  
Aos seres, concede vida e existência.  
A cada um, ajuda  
na necessidade que tem.  
Em Jesus, Deus é assim:  
com sabedoria, instrui as mentes,  
inunda de paz os caminhos.  
Por onde passa, faz o bem.

Obcecados pelo poder,  
os que o invejam se unem  
envoltos em parecer de justiça,  
tramam tirar-lhe a vida.  
Sem haver nele contradição,  
nem malfeitos a acusá-lo,  
foi levado ao tribunal,  
preso e à cruz condenado.

É duro o caminho que o leva,  
e o sol perde seu brilho.  
Recebe ajuda de estrangeiro  
nos passos que deve dar.  
Compadece-se o Cirineu,  
obedece às ordens, apruma as forças.  
Na ajuda, o impacto do amor  
o atinge, tornando-os próximos.

O que ajuda a levar o madeiro  
torna-se cúmplice ao réu,  
acolhe a graça da ajuda  
e, compadecido, medita:  
ajuda-me a transformar  
o ódio em perdão,  
a intransigência em compreensão,  
a ineficiência em amor.  
Ajuda-me a transformar a mim mesmo.

**V. A ajuda do Cirineu**  
Encontraram um homem de Cirene,  
ao qual obrigaram a levar a cruz.  
Mt, 27,32 ou Mc. 15,21 ou LC 23,26



V: AJUDA DO CIRINEU

# rostos

O rosto velado ou descoberto,  
revela o estado de espírito.  
Configura os pensamentos,  
espelha a mente, a alma.  
Ao olhar o rosto,  
fica-se conhecendo um desconhecido,  
reconhece-se alguém já conhecido.  
O rosto determina a identidade.  
Sempre concreto e sempre outro,  
interpela, personaliza.

Em nosso planeta, bilhões de rostos  
expressam vidas,  
em gestação, nascidas, vividas.  
Rostos felizes, jovens, anciãos  
que lutam, sonham, trabalham.  
Rostos que perdoam, compreendem, resistem.  
Rostos de multiculturas, crenças, etnias.  
Pessoas que criam, pensam, amam.  
Rosto que vejo no espelho.  
Rosto sempre único.

Teu rosto, Jesus, as Escrituras não o descrevem.  
Por conta da imaginação,  
moldei-o com alguns detalhes:  
um semblante que se me afigura  
de simpatia e veneração.  
Expressa encorajamento,  
uma fisionomia plena de vigor,  
um semblante tão radiante quanto suave,  
um rosto que fascina por expressar amor,  
o rosto desejado a toda pessoa humana.

Teu rosto é mais do que o estampado na toalha.  
Durante séculos, inspirou artistas,  
embora nenhum deles o tivesse visto  
com os próprios olhos.  
A luz da tua face ilumina,  
encerra o rosto do mundo,  
resplandece o fulgor da verdade,  
acende luz em cada rosto.  
Excede todo o entendimento.  
Teu rosto nos dá paz.

**VI. A face na toalha**  
Eis que a verdadeira face  
se estampa na toalha.



VI: A FACE NA TOALHA

# sinais

Em sua sabedoria, observou Jesus:  
Sinais revelam significados.  
Comunicam cuidados.  
Vocês sabem distinguir os sinais  
do amanhecer e do anoitecer;  
o aspecto dos céus, das nuvens, dos ventos.  
Vocês compreendem os sinais.  
Por meio de sinais, manifestou sua divindade.

Embora nossa desatenção em percebê-los,  
sinais estão presentes no cotidiano.  
A experiência sensibiliza a perceber sinais:  
o tempo da vida marca sinais,  
acontecimentos são sinais,  
a história revela sinais,  
sofrimentos deixam sinais,  
conquistas são sinais.

Sinais contêm recados,  
seus movimentos são sensíveis,  
seu objetivo é comunicar algo novo.  
Parecem empurrar a realidade.  
Permitem compreender o reverso das coisas:  
o incompreensível torna-se compreensível,  
o obscuro acena possibilidades,  
o que não fazia sentido, agora faz.

Deus gosta de nos dar sinais,  
mas eles precisam ser cotejados.  
Não é fácil compreender seus sinais.  
Por vezes, pegam-nos sem aviso ou preparo.  
À medida em que nos tornamos livres,  
vamos interpretando melhor os sinais,  
vamos dando sentido às coisas,  
vamos compreendendo o sentido de nós mesmos.

**VII. Segunda queda**  
Levaram-no para o crucificar.  
Mt. 27,31



VII: SEGUNDA QUEDA

# diálogo

Jesus fala com as mulheres que o acompanham.  
Dirige-se a elas, abre o caminho,  
do vazio nasce o encontro.  
Elas ultrapassam barreiras, aproximam-se,  
apresentam-lhe sua ternura e compaixão.  
Encontram o Deus da misericórdia.  
Junto a ele, caminham num solo sagrado.  
Fascinadas pelo seu olhar, intrépidas,  
procuram ter os mesmos sentimentos Dele,  
compreendem o mistério que Nele habita,  
o coração humano é terreno sagrado.

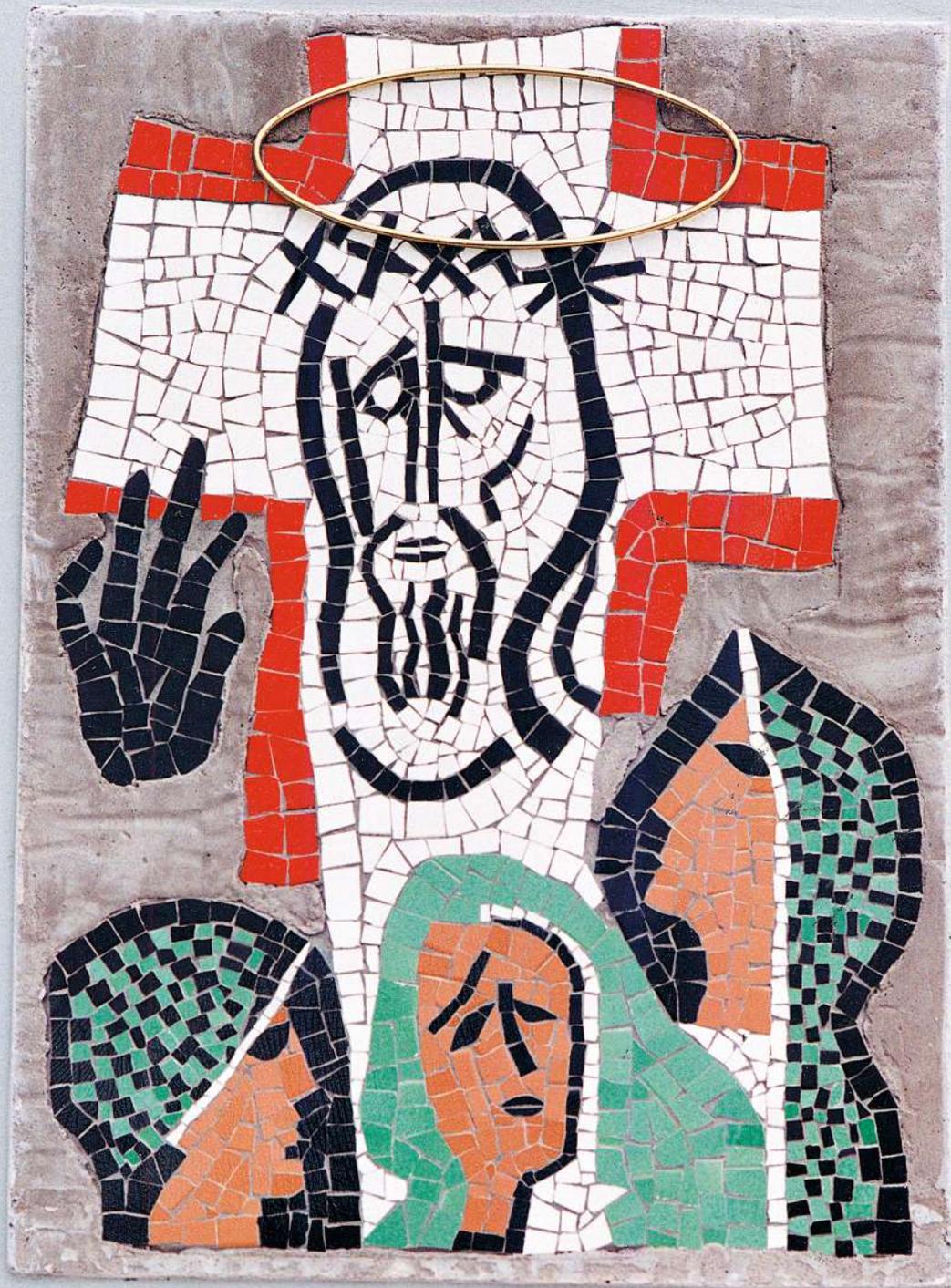
Jesus bem conhece a si mesmo  
E conhece as interlocutoras.  
Ele inicia o diálogo.  
Estabelecem um diálogo  
em que colocam em risco a autocompreensão,  
revelam facetas inéditas de ambos.  
Para dialogar, é preciso estar domiciliado,  
estar de bem consigo mesmo.  
Quem melhor se conhece, melhor pode dialogar.  
O diálogo pode prescindir das palavras,  
Não dispensa, porém, a lógica do amor.

Na Exortação 27, São Francisco de Assis  
deixa sua orientação para o diálogo:  
“Onde mora a caridade e a sabedoria,  
aí não há temor nem ignorância.  
Onde mora a pobreza com alegria,  
aí não há cobiça nem avareza.  
Onde mora o recolhimento e a meditação,  
aí não há desassossego nem dissipação.  
Onde mora a misericórdia e discrição,  
aí não há superficialidade nem dureza de coração.”  
O diálogo é um ato de liberdade.  
É um ato de amor.

## VIII. Fala as mulheres

Jesus, voltando-se para elas disse: filhas de  
Jerusalém, não choreis sobre mim, mas sobre  
vós mesmas e sobre vossos filhos.

Lc. 23,28



VIII: FALA AS MULHERES

# condição humana

Nasce do mesmo ponto, no ser humano,  
a tensão pronta a se transformar,  
ou a voltar-se contra si mesmo.  
Têm a mesma raiz o medo e a compaixão,  
a angústia da busca e a força da perseverança.  
Procedem da mesma fonte a potência que afasta  
e a energia que une uns aos outros.

Reside na alma humana,  
o mistério do bem e do mal.  
Nela se gravam erros e acertos.  
Guardam-se em camadas as lembranças,  
a experiência dos caminhos andados.  
Ela sustenta a busca da verdade,  
a constância nos propósitos tomados.

No coração humano, se encontram  
o desejo de plenitude  
e a consciência de finitude.  
Ele abriga, ao mesmo tempo,  
um terreno fértil e escarpas hostis.  
Do coração humano, procedem o perdão e a compaixão.

Realidade bela e sombria,  
em que se acham em movimento o desejo e a vontade.  
Condição humana que compreende  
a noite escura e a luz do dia.  
Essência humana,  
compreensível só em Deus.

**IX. Terceira queda**  
Conduziram-no ao lugar do  
Gólgota, que quer dizer lugar do crânio.  
Davam-lhe a beber vinho misturado  
com mirra, mas ele não o tomou.

Mc. 15,23



IX: TERCEIRA QUEDA

# despojamento

Em Jesus de Nazaré, Deus se faz humano,  
desvela a divindade, veste a humanidade.  
Revela seu amor, mora entre nós,  
num amálgama perfeito divino-humano.

Vejam, nos diz, o campo vestido de flores!  
É o próprio Deus que veste as coisas todas.  
Não se ocupem com excessos em cuidados.  
Teçam vestes que o tempo não desgasta.

Correntes adversas revolvem seu percurso  
Instável, a atmosfera humana muda,  
transforma a ordem dos fatos,  
uma tempestade lhe corta o movimento da vida.

Amigos se revelam falsos, tramam ardis,  
a ambição lhes embotou a inteligência,  
a sua presença, para eles, torna-se uma ameaça.  
Negam o bem que fizera, tornam-no réu.

Trevas habitam os que o condenam  
Em jogo de dados, disputam seu manto.  
Vestes inconscientes, envelhecidas, os cobrem,  
tomaram a forma do descaso.

Exposto ao olhar da multidão,  
acolhe de Deus o socorro.  
Posto à ignomínia, sua dignidade resplandece.  
Vestem-no amor e compaixão.

Confiante, dispõe sua vida nas mãos do Pai.  
Despido do humano, é mais Ele mesmo.  
Em Jesus, Deus se faz humano,  
o próprio Deus que as coisas todas veste.

**X. Despojado das vestes**  
Repartiram as suas vestes entre si, e  
lançaram sortes sobre a sua túnica.

Jo. 19,24



X : É DESPOJADO

# Compaixão

O dia sempre começa com a noite escura,  
quanto mais se adianta, mais próximo está o dia.  
No coração daquela noite,  
o dia avançava ao apagar silencioso das estrelas.  
Jesus passa, abre caminho na escuridão,  
a luz interior lhe aponta o percurso.  
Seu ato de doação permanece na história,  
Nele, se reconhece o amor de Deus.

Naquele amanhecer, o solo deixara  
de exalar seu fresco e úmido perfume,  
o orvalho recolhera seu manto,  
transformando-o em lágrimas.  
A brisa se absteria de embalar,  
com seu ritmo suave, as flores e os ramos;  
a abelha, por respeito, retraída,  
pousara silenciosa na pétala ensonada.

O raio de sol estremecera ferido  
ao projetar sua luz na poça de sangue  
vertida do homem flagelado.  
Os pássaros privaram-se do alimento.  
Em repulsa à estupidez humana,  
silenciaram seu canto.  
As árvores mais altas observavam, estupefatas,  
a prepotência humana, a compaixão divina.

Jesus, em imensa prova de amor,  
sobe a íngreme estrada do Calvário.  
Seu coração, em silenciosa prece, ora:  
Pai, a ti entrego minha vontade,  
Teu Espírito coexiste em mim,  
Mantém esta chama de amor e compaixão.  
A passos lentos e largos segue o Caminho.  
Com amor e entrega, se vê de braços estendidos.

Não nos preparamos para o sofrimento;  
Não nos preparamos para o perdão;  
Não nos preparamos para o amor;  
Não se prepara... aprende na prática,  
Começa ao nascer, recomeça a aprender sempre.  
Aprende de mim, diz Jesus.

**XI. É pregado na cruz**  
Quando chegaram ao lugar chamado  
Calvário, ali O crucificaram.

Lc. 23,33



XI: É PREGADO NA CRUZ

# Perdão

Vivemos um tempo de rupturas.  
Produzimos sociedades de refugiados,  
geramos migrações e genocídios,  
programamos a purificação étnica,  
criamos uma cultura de violência,  
discutimos diversidades e minorias.  
Banalizamos o sentido da vida,  
esquecemos a compaixão humana.

A experiência da vida ensina  
que cada passo dado nos conduziu para onde estamos.  
Se há empecilhos, podemos aplinar os caminhos,  
se há limitações, existem possibilidades,  
se existe fadiga, somos capazes de ajuda.  
No cansaço, temos coragem de levantar os olhos,  
perseverar ao adverso com ideias generosas,  
e, sobre a morte, ainda cantar a esperança.

Esta é a dignidade do seguimento de Jesus,  
sua vida e ensinamento são promessa  
de que o perdão supera a ofensa  
para além da queda, existe o levantar-se  
para além das diferenças, semelhanças  
além do que nos é dado, há o que conquistamos.  
O ser humano tem um sentido para o amor.

Com humildade elevo a Deus confiante prece  
sobre os fragmentos humanos que geramos.  
Suplico por encontrar, se não, desvendar  
o caminho que dá para a fé e o perdão,  
por ele vejo as coisas desse modo.  
O amor como luz que nos atinge do Infinito  
porque seu amor sonhou a eternidade.  
De Deus o que sei? Calo e aceito.

**XII. Morre na cruz**  
Jesus exclamou em alta voz:  
Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.

Lc. 23,46



XII: MORRE NA CRUZ

# Silêncio

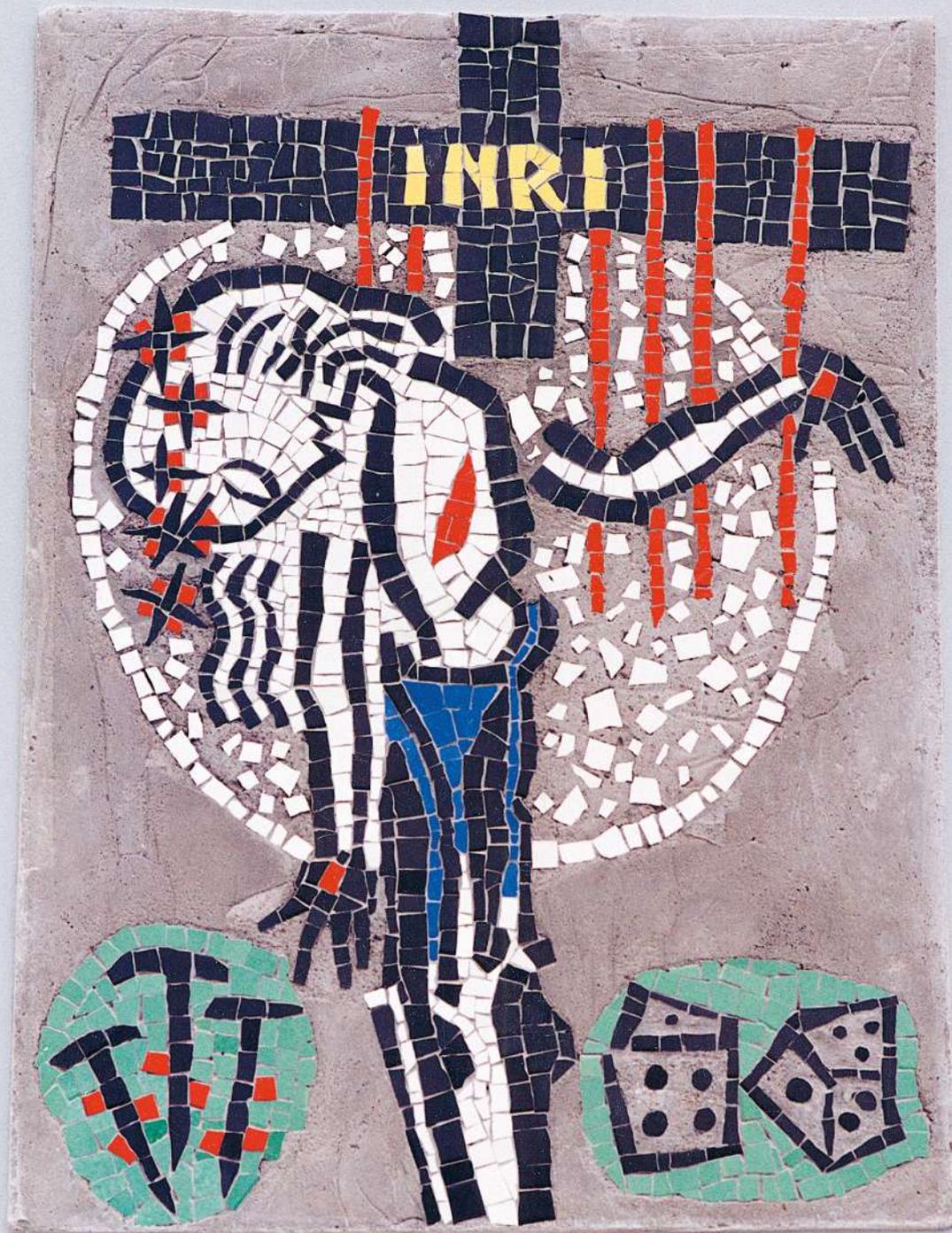
Não o silêncio de quem nada diz,  
o ruído silente armado entre as palavras.  
Não o silêncio de palavras ofegantes,  
que calam ou nada dizem.  
Não o silêncio secreto,  
de acordo com incertos do poder.  
Não o calar subalterno e conformista,  
nem a quieteza infecciosa da omissão.  
Não a sujeição oprimente,  
nem o emudecer do amargor.

Sim ao mistério da vida,  
que se faz silêncio,  
no movimento da semente,  
a se transformar.  
Silêncio que se aquieta no interior da rocha,  
na harmonia dos astros.  
Silêncio do espaço infinito,  
do andar do tempo,  
que produz as noites e os dias.  
Silêncio da criação.

Silêncio introspectivo do autoconhecimento.  
Silêncio reflexivo do perdão.  
Silêncio reverente da escuta.  
Silêncio obsequioso do respeito.  
Silêncio discreto da decisão.  
Silêncio do rastro de Deus.  
Silêncio da contemplação.  
Silenciosa liberdade do espírito.  
Deus silencioso.  
Insondável silêncio.

**XIII. É descido da cruz**  
Tendo-o decido da cruz, envolve-o  
num lençol e deposito-O num  
sepulcro aberto na rocha.

Lc. 23,53



XIII: DESCIDA DA CRUZ

# havia um jardim

Naquele jardim imerso na noite  
onde foi, na morte, semelhante a nós,  
passam-se momentos sagrados,  
Jesus atinge as dimensões de Deus.  
Naquele jardim, o depositaram,  
deixaram-no em repouso.  
Naquele jardim, a dor se veste de esperança,  
firma-se a fé como luz da verdade,  
a alegria como sol da manhã,  
a verdade como chão para os passos.

Maria Madalena toma seu passo ligeiro e leve  
lá retorna antes de o dia amanhecer.  
Seu espírito não dorme.  
Com uma radiosa certeza,  
desperta, prende seus temores,  
liberta seu amor inesgotável.  
Uma luz a guia com clareza,  
como o sol ao meio-dia,  
como a sensação do mistério,  
em um segredo que ninguém viu.

Seu coração está seguro, ela vigiara.  
A palavra do Mestre se cumpriria.  
Ali, à espera, aquele que bem a conhecia.  
Quando lhe disseram: ei-Lo aí,  
ela já O tinha visto.  
Viu-o no primeiro sinal da sua hora.  
A alma encontra a flor do seu desejo.  
Um jardim formou-se entre eles,  
a flor amada jamais murchará.  
Esse amanhecer foi eterno.

#### **XIV. É sepultado**

No lugar onde fora crucificado, havia  
um jardim e nele um sepulcro novo.  
Foi ali que puseram Jesus.

Jo 19,41- 42



XIV: É SEPULTADO

# caminho, verdade, vida

---

Jesus, ao vencer a morte  
revela-se Deus conosco.  
Transfigurado em vida nova,  
apresenta-se aos que creram.  
No caminho com discípulos,  
a tristeza vira alegria.  
Quando foram procurá-La,  
junto deles já se encontrava.

O encontro com o Ressuscitado  
ilumina a mente, os sentidos.  
Jesus os confirma na fé,  
renova a sua missão.  
Assegura libertação ao oprimido  
ao contrito, salvação  
redenção, ao cativo  
ao cego, nova visão.

A verdade de Jesus  
tem um segredo: o amor.  
Amor sem adjetivos. Só amor.  
Amor-verdade é a sua lei.  
Amor que desfaz temores,  
o mundo todo renovou.  
Amor que amou primeiro,  
céus e terra congregou.

Jesus que procede do Pai,  
permanece em nosso meio.  
Presença viva na Palavra,  
caminho, verdade e vida.  
Nele, tocamos o intangível,  
conhecemos o incognoscível,  
ouvimos o inaudível,  
convivemos com o eterno.

Aos que viram e creram,  
aos que buscam conhecer a Verdade,  
seguir o Caminho, amar a Vida,  
que o Caminho venha ao seu encontro,  
a Verdade se lhes manifeste,  
a Vida se lhes revele em plenitude.

XV. Caminho, Verdade, Vida  
Eu sou o caminho, a verdade e a vida;  
ninguém vai ao Pai senão por mim.

Jo. 14,6



EU SOU  
CAMINHO  
VERDADE  
& VIDA



*Silvestre Peciari Basiaco*

# st r e

# cronologia

---

**1935** | Nasce em Montevidéu, Uruguai.

**1949** | Ingressa na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), onde é formado especialmente com o mestre Miguel Angel Pareja, Montevidéu, Uruguai.

**1957** | Ingressa no Grupo La Cantera, com o qual realiza numerosas exposições.

**1958** | Professor de desenho no ensino médio, no Liceu de Flores, Montevidéu, Uruguai.

**1959** | Faz parte da Comissão de Reforma do Currículo da Escola Nacional de Belas Artes.

**1960** | Primeira exposição individual de pintura na Sala Menor do Museu de Arte Moderna.

**1963** | Compete e ganha a Bolsa Municipal de Estudos "Carlos Maria Herrera".

**1964** | Estuda Arte Mural e Escultura na Academia Pietro Vannucci, Perugia, Itália.

**1965** | Professor concursado na E.N.B.A. da Reforma. A partir desse momento, toda a sua preocupação plástica individual é integrada ao ensino e às vendas populares.

**1968** | Professor concursado do Instituto de Professores Artigas, Montevidéu, Uruguai.

**1973** | Fechada a Escola Nacional de Belas Artes, trabalha com o Grupo Cerâmico do Carrinho; ilustra livros na impressora da Comunidade do Sul, desenha modelos na estampanaria Brecha.

**1974** | Primeira exposição de escultura na Galeria "U".

**1975** | Muda-se para o Brasil. Professor contratado na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul. Naturaliza-se brasileiro. Realiza três exposições individuais em Santa Maria/RS. Várias exposições coletivas: Porto Alegre/RS, Brasília/DF, São Paulo/SP, Buenos Aires/Argentina, Barcelona/Espanha e Montevidéu/Uruguai. Realiza vários murais e esculturas públicas para a comunidade de Santa Maria/RS. É convidado para a exposição "Um século de esculturas no Brasil", no Museu de Arte de São Paulo, São Paulo/SP. Continua a pesquisa plástica e o ensino, tentando incorporar sua obra à vida e ao espírito da Reforma da E.N.B.A.

## *Atividade profissional*

### MURAI S PÚBLICOS NO URUGUAI

- 1960 | Mosaico mural em La Teja, Montevideú.
- 1961 | Mosaico mural em San Luis.
- 1963 | Mosaico mural na rua Sotelo, Montevideú (9x3m).
- 1965 | Mosaico mural na rua Juan Paullier, Montevideú (3x5m).
- 1966 | Mosaico mural em Lagomar, Canelones.
- 1967 | Mosaico mural em Lagomar, Canelones.
- 1967 | Pintura mural no Hospital Universitário, Sala de Fonologia, Montevideú.

### MURAI S PÚBLICOS NO BRASIL, EM SANTA MARIA/RS

- 1977 | Mosaico mural na rua Ernesto Beck (13x4m).
- 1977 | Pintura mural "Icaro" no Restaurante Universitário da Universidade Federal de Santa Maria (3,40x3,80).
- 1983 | Pintura mural "Auwé" (Amizade) no prédio da antiga reitoria da Universidade Federal de Santa Maria (5x2m).
- 2000 | Mosaicos murais "14 Passos da Via Sacra", jardim do Convento São Francisco de Assis.

### MONUMENTOS ESCULTURAS NO BRASIL

- 1979 | Escultura em concreto "O grito" no campus da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS (2,50 m de altura).
- 1982 | Escultura em concreto "20 anos da Universidade" no campus da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS (5x2x2m).
- 1983 | Relevô mural "Nossa Senhora dos Esportes" no Colégio Marista Santa Maria, Santa Maria/RS (11x5m).
- 1989 | Escultura em concreto "São Miguel" no campus da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS (3,40m de altura).
- 1995 | Escultura em concreto e resina "Imigrante Italiano" em Silveira Martins/RS (1,6x9m).
- 1995 | Fonte "Projeto Água" na exposição de ciência, tecnologia e arte Alemanha-Brasil. Trabalho cinético em metal e água corrente (6x4m)

## MURAL PÚBLICO NA ARGENTINA

**1997** | Pintura mural "Icaro" (segunda versão), na Escola Superior de Arte "Da Cárcova" (2,50m de altura).

## JURADO

**1997** | Integra o Júri Internacional do Concurso "Concerto de Pedra", no Shopping Portones, Montevideú, Uruguai.

## EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

**1960** | Óleos e gravuras na sala do Grupo Ocho, Montevideú, Uruguai.

**1961** | Gravuras em madeira na sala do Clube de Teatro, Montevideú, Uruguai.

**1974** | Esculturas na Galeria "U", Montevideú, Uruguai.

**1981** | Desenhos, pinturas e esculturas, na sala da Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

**1983** | Pinturas no hall da antiga Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

**1985** | Esculturas e pinturas, na Galeria Click, Santa Maria/RS, Brasil.

**1988** | "100 Esculturas", no Centro de Exposições do Palácio Municipal de Montevideú, Montevideú, Uruguai.

**1988** | Escultura em madeira "Mulher Grávida" (1,10m de altura). Obra selecionada pela Associação Internacional de Críticos de Arte da exposição municipal.

**1989** | Escultura (junto a pinturas de Alphonsus), na Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

**1992** | "600 Desenhos em um Ano", na Sala do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

**1995** | "45 Anos de Paisagens", na Sala do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

**1996** | Esculturas no Museu de Arte Contemporânea de Porto Alegre, Porto Alegre/RS, Brasil.

**1998** | Esculturas "Arte Política", Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

**1999** | Exposição e Venda Popular série em fotocópias, no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

**2001** | "26 anos no Brasil": doação de pinturas, esculturas e desenhos ao Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil (65 obras).

**2001** | Doação de 82 obras ao Museu de Arte de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

## EXPOSIÇÕES POR CONVITE

- 1959 | Pinturas "Frank Lloyd Wright", Encontro Jovem Pintura Argentina-Uruguai.
- 1960 | Primeira Exposição de Arte Não-figurativa, na Subte. Municipal, Montevideu, Uruguai.
- 1981 | Esculturas junto ao "Grupo o Carrinho", na Galeria Sarmiento, Buenos Aires, Argentina.
- 1981 | Esculturas na Galeria "Oficina de Picasso", Barcelona, Espanha.
- 1982 | Esculturas em "Um Século de Esculturas no Brasil", no Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- 1991 | Instalação em "Arte Gaúcha Contemporânea", na Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, Brasil.
- 1992 | Exposição itinerante "Arte de Três Polos" instalação "Latifúndio", no Museu de Arte Contemporânea em Caxias do Sul/RS, Santa Maria/RS e Pelotas/RS, Brasil.
- 1993 | Escultura na exposição "O Corpo e a Obra", na sala "Edel Trade Center" do Museu de Arte Contemporânea, Porto Alegre/RS, Brasil.
- 1996 | Exposição itinerante "Via Sacra" (pintura).
- 1997 | Esculturas junto ao pintor Clarel Neme, na Galeria Swiss Bank Co., Punta del Este, Uruguai.
- 2000 | Esculturas na exposição "Tortura Nunca Mais" da IENBA, Uruguai.
- 2000 | Xilogravuras para a pasta "Arte e Sociedade na América Latina" da IENBA, Uruguai.
- 2000 | Escultura "Latidos de Vida", na exposição da IENBA, Uruguai.

## EXPOSIÇÕES COM O GRUPO PLÁSTICO "LA CANTERA"

- 1957 | Pinturas na Escola Nacional de Belas Artes, Montevideu, Uruguai.
- 1959 | Pinturas no Primeiro Salão Anual do Grupo La Cantera, Faculdade de Arquitetura, Montevideu, Uruguai.
- 1960 | 40ª Exposição de pinturas no Círculo de Belas Artes, Montevideu, Uruguai.
- 1962 | 50ª Exposição de Pinturas na Biblioteca Nacional, Montevideu, Uruguai.
- 1964 | Pinturas na Biblioteca Nacional, Montevideu, Uruguai.
- 1964 | Pinturas na Associação Cristã de Jovens, Montevideu, Uruguai.
- 1965 | Pinturas na Biblioteca Nacional, Montevideu, Uruguai.





**IMPRESSÃO**

Kunde Indústrias Gráficas Ltda.

**QUANTIDADE (1ª EDIÇÃO)**

350 Unidades

**PAPEL DA CAPA**

Supremo 350 g/m<sup>2</sup>

**PAPEL DO MIOLO**

Papel Couché 150 g/m<sup>2</sup>

**TIPOLOGIA**

Bell MT | Champagne & Limousines



